

O “Canto das criaturas” do Apóstolo do Brasil: José de Anchieta e a Ecologia.

Felipe de Assunção Soriano, SJ
Mestre em Teologia pela UNICAP.
felipeassj@yahoo.com.br



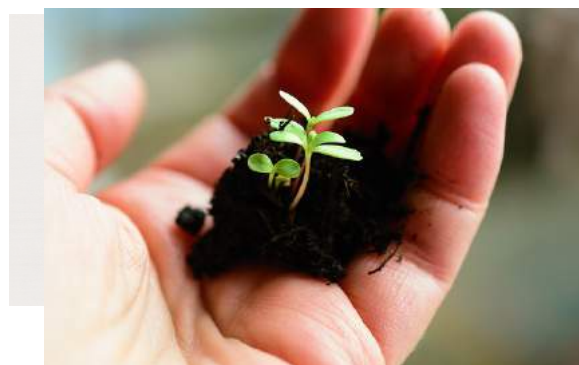
Quadro de Benedito Calixto (1901) reconstitui Anchieta escrevendo na areia versos à Nossa Senhora. Divulgação / Museu Anchieta - Pateo do Collegio

José de Anchieta desde sua juventude sempre foi encantado com a presença de Deus na Criação. Seus biógrafos, suas cartas e seus autos catequéticos são reflexos desse seu encantamento, porque, segundo sua correspondência ecológica, podemos dizer que nela se reflete a bondade de Deus que tudo habita dando-lhe vida, força e vigor. Por meio dos seus olhos, a Companhia de Jesus viu o novo mundo como um jardim, ou melhor, lugar onde o Amor de Deus se dava com largueza e exuberância nos dons da criação.

Nos primeiros anos de sua ação apostólica, José de Anchieta aparece descrevendo o Brasil e sua biodiversidade. Essa sua consciência ecológica logo aparece na juventude e no comentário de seus biógrafos quando, aproveitando os passeios naturais pelo rio Tejo com seus mestres do Colégio de Artes em Coimbra, fazia tudo virar matéria para sua poesia. Sua prosa latina, portuguesa e tupi sempre se apoiou na sua capacidade profunda de contemplar as realidades naturais, os desafios sociais e as oportunidades para o diálogo da fé; visando à integração dessas tradições culturais num novo estilo de vida.

Tal intuição dialoga com a proposta feita pelo Papa Francisco na Encíclica Social “Laudato Si” (2015), quando aponta **uma visão integradora de toda a Criação, na qual as questões sociais estão profundamente unidas com as questões ambientais. Ao propor uma ecologia integral** (LS. nº 139), o Papa oportuniza-nos dizer que a vida de José de Anchieta testemunha sua conversão ecológica, na medida em que canta tamanha biodiversidade ao narrar as belezas naturais do novo mundo e a riqueza dos povos originários. Esse horizonte, como nos diz o Papa Francisco, supõe uma experiência pessoal e comunitária que nasce de uma espiritualidade que nos une a Deus, à natureza e à realidade, com tudo o que nos rodeia (LS. Nº 216).

José de Anchieta chega ao Brasil em 13 de julho de 1553 e, por iniciativa do P. Manuel da Nóbrega, foi encarregado de escrever as cartas do Brasil. **Nessas cartas aparece a relação entre ecologia e cultura** como um dos eixos que interagem sua ação evangelizadora, bem como, as exigências de flexibilidade e adaptação aos novos contextos, lugares e públicos.



Numa dessas cartas José de Anchieta compara seu trabalho evangelizador com o “ofício de jardineiro”, pois educar nas letras e na fé exige mais que habilidade, exige abertura ao diferente e amor ao outro. Ele é o primeiro a informar sobre a existência de rosas no Brasil, flor mais bela que ele apresenta em relação a seu ofício como pregador do Evangelho, pois, de fato, as rosas de Anchieta são os índios do Brasil¹ (CARTAS, 1933, p. 92).

Numa outra carta, dirigida ao Geral da Companhia de Jesus, P. Diogo Laynez (1558-1565)², José de Anchieta dá testemunho de sua abertura ecológica, na medida em que narra o que sabe sobre a mata atlântica do Brasil, propondo seu “Canto das Criaturas”. Como faz São Francisco de Assis, José de Anchieta louva ao Senhor pela nossa irmã natureza e a nossa mãe terra, que nos sustenta e governa. Por isso, narra de sua experiência com os povos indígenas e as riquezas do Brasil, a dinâmica das estações, a chuva, o sol, os trovões, as enchentes, os ventos, as árvores, as plantas e pedras (CARTA, 1933, p. 103-143).

1 Como ele mesmo diz: “nascem como rosas de espinhos regenerados pela água do batismo” (Carta de Piratininga, fim de dezembro de 1556, nº VIII).

2 Ao Padre Geral, de São Vicente, a última do mês de maio de 1560.

A influência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola se faz sentir quando compreende toda a criação habitada pela realidade divina, pois vê como Deus habita nas criaturas, isto é, nos seus elementos dando o ser; nas plantas, nos animais e nos homens dando entendimento (EE 235). **Ao organizar seu discurso a partir dos domínios das ciências naturais, José de Anchieta confessa sua formação clássica e a influência da Sagrada Escritura ao ordenar esses reinos a partir das realidades celestes, aquáticas, terrestres e minerais** (cf. Sl 104). José de Anchieta constrói seu relato como se por sua voz falasse um novo Adão, quando concebe numa procissão essas diversidades de domínios e reinos, como se parafraseasse o relato bíblico da Criação (Gn 1).

Ele começa narrando a divisão do ano e como não se percebe o marco das estações, principalmente entre a primavera e o inverno. Conta como o sol produz em seus cursos certa temperatura constante, de maneira que o inverno não é demasiadamente rigoroso e nem o verão incômodo pelas muitas chuvas. Narra a abundância de chuvas de quatro em quatro dias, de três em três, de dois em dois dias ou de um dia ao outro, alternando chuva e calor oferecendo clima ameno. Conta como as noites eram muito estreladas, pois, como navegador, a abundâncias de luzes fazem do céu um mapa que é possível seguir. Conforme testemunhas, um dos seus milagres está associado ao resplendor da noite e sua capacidade de ouvir e ver às luzes e sons do alto (VASCONCELOS, 1953, p. 267).



Narra a abundância de peixes nos rios e sua piracema (saída dos peixes para desovar duas vezes ao ano). Narra as geadas no inverno e como os rios secam no verão, sendo possível até pegar os peixes facilmente com as mãos. Narra a amplidão dos mares e sua diversidade de peixes, numerosos em tamanhos e cores. Descreve as tempestades e a força dos ventos que chegam até a derrubar

as árvores e arremeter os navios contra os arrecifes. Sua intimidade com os fenômenos naturais é testemunhada em mais de um de seus milagres³ (VASCONCELOS, 1953, p. 81).

³ Ao constatar o perigo que se aproximava, avisa ao capitão que baixasse as velas e levantasse o ferro para que o vento forte não arremetesse o navio.

Encanta-se ao falar dos grandes animais como as baleias e o peixe-boi e outros espécimes que saem do mar para nos rios desovarem. Quando se fala em baleias, para proteger uma canoa que se encontrada no mar de S. Vicente cercada por esses grandes peixes, José de Anchieta lançou uma benção aos animais realizando um milagre em favor dos navegantes (VASCONCELOS, 1953, p. 248). Narra a diversidade de crustáceos e se encanta com os ouriços, cobertos de muitas cerdas agudas de cor preta ou vermelha.

Canta as lendas dos viajantes das grandes cobras aquáticas, seu apetite voraz, sua grande diversidade de espécimes e a força do seu veneno. Diz o mesmo dos lagartos dos rios, que os nativos chamam de jacarés, sua força e ferocidade assustam até os índios. Narra a existência de lontras, com suas unhas e dentes agudíssimos, que são ótimas mergulhadoras. Canta suas matas fechadas e sua exuberância, mas também seus campos abertos de cálida e tranquila natureza. Nas embocaduras dos rios nos mangues, a grande diversidade de caranguejos em tamanhos e cores e suas patas grandes e fortes, que servem tanto para cavar cavernas subterrâneas como para nadar e se alimentar.

Dos animais terrestres, além das cobras que são tantas e de várias cores, ele narra cães, porcos, escorpiões e formigas. Das aranhas há multidão que não tem conta sendo um pouco ruivas, cor de terra, pintadas e todas cabeludas. Dos grandes felinos a pantera com duas variedades, uma de cor veado, menores e mais bravias e outras pintadas do tamanho de um cordeiro, que encontramos em todas as partes. Igualmente os tigres, onças e leões, possuem dentes e presas fortes, hábeis em subir em árvores, atacam de surpresa e dilaceram em sua ferocidade a tudo quanto apanham. De José de Anchieta se testemunha sua amizade com essas feras, pois, como milagre, as onças o obedeciam e comiam em suas mãos (VASCONCELOS, 1953, p. 269).

Há também animais desprovidos de beleza, chamados pelos índios de tamanduá. Com nariz e cauda avantajadas, tem o pescoço fino, cabeça pequena e língua distendida, não são muito rápidos, mas possuem um pelo tão duro que não é fácil ser perfurado por flecha. Narra a existência de antas, que tem os pés divididos em três partes, de cor caramelo, em vez de gritos, assobios, sabem nadar e quando ameaçadas lançam-se aos rios. Narra a existência de



preguiças, fazendo jus ao nome são mais lentos em mover-se qual um caracol, de cor cinza, braços longos e fortes unhas. Há raposas e gambás, que gostam de comer galinhas, possuindo uma bolsa no ventre onde acomodam e alimentam seus filhotes. Também há galinhas silvestres de várias espécies de grande variedade, tamanhos e cores.



Tatu-peba - *Euphractus sexcinctus*

Foto: Luiz C.M.Rocha

Há uma infinita quantidade de macacos, que vivem saltando em bandos nas matas nos cumes das árvores. Há animais curiosos como o tatú, que vive pelos campos em covas subterrâneas e semelhantes aos lagartos pela cauda e tamanho. Possui uma dura couraça que carrega como armadura de um cavalo. Narra a existência de veados com chifres e sem chifres, ambos mais raros de se

ver, que nunca entram nos matos, preferindo as planícies. Há grande quantidade de gatos monteses, rápidos e ligeiros, e javalis de duas espécies.

No interior das terras do Brasil, além dos limites daquilo que chamamos Nova Espanha (Perú), há ovelhas e vacas selvagens. Numa fazenda de Magé, RJ, onde havia um boi bravo que muitos homens não conseguiam domar, se conta um milagre de José de Anchieta, pois, depois que o padre lançou uma bênção sobre o animal, logo ficou manso (VASCONCELOS, 1953, p. 248). Também destaca uma grande quantidade de insetos, alguns se transformam em borboletas e alguns em lagartos que coçam as ervas. Quando chega a primavera, após as primeiras chuvas, no calor do sol, as formigas saem de suas tocas com asas para construir suas novas casas na terra.

Há nos matos grande quantidade de mosquitos grandes e pequenos que atacam mais no verão, quando os campos estão alagados, a fumaça é um ótimo remédio contra eles. Há um desses muito pequenos, imperceptíveis, que gostam de sangue doce e atacam nas matas. Encontram-se aqui vinte espécies de abelhas, das quais algumas fabricam mel nos troncos das árvores e outras entre cortiços construídos em ramas. Usamos o mel que são de muitas variedades para curar as feridas, que saram facilmente pela proteção divina, e da cera que elas produzem.

Há grande quantidade de pássaros em diversidade de espécimes e cores. Na verdade há uma grande diversidade de aves ornadas de várias cores. Os papagaios são os mais comuns e imitam a voz humana. Quando tem fome, uns ficam de vigia e, não

havendo perigo, esses também descem para comer. Há avestruzes que não podem voar por causa do extraordinário tamanho do seu corpo. Há outros pássaros e em quantidade que se alimentam de orvalho e alguns pensam que eles se gerem das borboletas por se alimentar das flores (Colibris). Nesse mesmo tempo (primavera), juntam-se as aves e apressam-se os índios com grande alegria para colher os frutos novos da estação.

Há outras que parecem gansos com bico, que mergulham nos rios e ficam debaixo d'água comendo peixes e outros que quando sacodem suas asas fazem tanto barulho que as árvores parecem cair por terra. Há aves de rapina e aves marinhas com o nome guará, igual ao mergulhão, alimentam-se de caranguejos. Em sua metamorfose nasce cinza, quando cresce fica com a plumagem branca, vestindo-se de uma cor púrpura. Os índios têm grande estima dessas aves usando de suas penas como adorno, revestindo-se em novas criaturas pela graça do batismo. Narra-se um milagre que José de Anchieta realizou, falando na língua do Brasil, pediu que esses guarás fizessem sombra a seu barco (VASCONCELOS, 1953, p. 274).

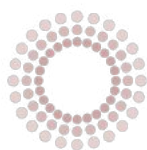
Há variedade de ervas e raízes, das quais, a mandioca, que é usada por nós como alimento. Algumas delas são venenosas por natureza, demandando um preparo humano para o seu consumo. Contudo, os animais a comem cruas sem nada sofrer, salvo quando bebem o seu sumo. Há plantas aqui que chamamos de viva que ao tocar suas folhas se fecham sobre si mesmas. Das árvores, que são muitas, uma parece digna de nota, por causa do líquido “resina” que produzem útil para remédio que convertemos numa espécie de balsamo para curar feridas. Há pinheiros de grande estatura, com frutos de suavíssimo cheiro e sabor.



Há inúmeras árvores, suas raízes e sementes que usamos para a medicina sendo útil para soltar ou prender o estômago. Dessas ervas sabemos cada vez mais para o nosso bem e proveito dos índios. Até nas pedras e conchas se encontra o que admirar sendo elas capazes de afiar espadas e honrar o Criador com seus dons (Pérolas). Até as noites, em sua bondade, suscitam admiração com os vários espectros noturnos que vagam pelas matas fazendo o homem se esconder de medo e, ao amanhecer do dia, sair para buscar o seu sustento (Sl. 104).

A Carta de São Vicente, à luz da “Laudato Si” (2015), oferece-nos uma visão integral, na qual as questões sociais estão profundamente unidas às questões ambientais, pois, além de confessar a conversão ecológica vivida por José de Anchieta, aponta para a intrínseca relação entre ecologia e cultura na perspectiva de um novo estilo de vida. Por isso, ao chegar ao fim dessa descrição, naquilo que lhe ocorreu dizer sobre as árvores, plantas e pedras, José de Anchieta conclui seu canto dizendo: “tudo que narrei me dão de admirar e exaltar a Onipotência do Criador de todas elas. Mesmo aquelas em que narrei com brevidade ou como pude, pois não duvido que haja muitas outras dignas de menção e que são desconhecidas a nós”.

Essa sensibilidade de José de Anchieta, sua abertura às coisas naturais do Brasil e biodiversidade, sua preocupação de que não se perca nada que a natureza dispõe para a vida e proveito do homem faz eco a atual preferência apostólica sobre a ecologia integral e a justiça socioambiental. Como tudo faz o Apóstolo do Brasil exaltar e admirar o Onipotente, que este “Canto das criaturas” descrito na Carta de São Vicente possa ser o nosso canto de conversão neste momento agudo de crise social e ecológica. Que a revisita das fontes anchietanas nos eleve à consciência para a importância do nosso papel na construção de redes, propondo um novo estilo de vida: “Vendo novas todas as coisas em Cristo”.



OLMA

Observatório Nacional
de Justiça Socioambiental
Luciano Mendes de Almeida

5 anos

